

A ASCENSÃO PARA A UNIÃO COM O UNO

Plotino

"Aqui o maior e o último confronto é colocado frente às nossas almas; todas as nossas labutas e inconveniências o foram para isto: não para sermos largados sem pelo menos uma parcela da melhor das nossas visões. O homem que atinge isto está abençoado em ver aquela visão abençoada e aquele que falha em alcançar isso falhou completamente. Um homem não falhou se ele não consegue alcançar as belezas das cores ou dos corpos, ou o poder ou altos postos ou reinados, mas se ele falhou em alcançar a visão, ele falhou na sua conquista e somente nisto. Para isto ele deve desistir da conquista do reinado ou da soberania e do domínio sobre toda a terra, mar e o céu; se, apenas por abandoná-los ele pode se voltar para isto e ver.

Mas como ele pode encontrar o caminho? Qual método deve ele imaginar? Como pode ele ver a beleza inconcebível que está no interior do sagrado santuário e que não se mostra quando o profano pode vê-la? Que se permita com que aquele que pode acompanhar e entrar no seu interior, e que possa deixar correr atrás deles; nós devemos saber que eles são imagens, sombras e devemos (como um belo reflexo ondulando na superfície da água que uma antiga estória penso eu, diz de maneira misteriosa, que um homem desejava capturar e acabou mergulhando na correnteza e desapareceu) então este homem que se prende aos belos corpos e não os deixa se irem, irá, como o homem da estória, em alma e não em corpo, mergulhar nas profundezas escuras, onde o "NOUS" não se delicia até permanece no Hades, cego, relacionando-se com as sombras daqui e dali. Seria um conselho melhor: "Vamos voar para nossa pátria querida".

Onde então está o nosso caminho de fuga? Como atingiremos o oceano? (Odisseu, eu penso, fala simbolicamente quando ele diz que deve escapar da feiticeira Circe ou Calipso e não está contente em permanecer, embora ele desfrute de prazeres para os olhos e viva no meio de muita beleza para os sentidos). A nossa pátria é aquela de onde nós viemos, o nosso Pai ali está. Como devemos viajar até ela, qual o caminho de fuga? Não podemos ali chegar a pé porque os nossos pés apenas nos carregariam a qualquer lugar deste mundo, de um país para outro. Você não deve também preparar uma carruagem ou um barco. Deixe todas essas coisas irem e não olhe. Feche os seus olhos e mude para, desperte em, uma outra forma de ver para a qual a maioria das pessoas tem pouco uso.

A razão discursiva se ela deseja dizer algo, deve primeiro se assegurar de um elemento da verdade e depois de outro; tais são as condições do pensamento discursivo. Mas como pode o pensamento discursivo apreender aquilo que é absolutamente simples? É suficiente apreendê-lo através de um tipo de intuição espiritual. Mas neste tipo de apreensão nós não temos nem o poder nem o tempo de dizer algo sobre o fenômeno. Poderemos acreditar que vimos realmente, quando uma luz súbita ilumina a alma; porque esta luz vem do Uno e é o Uno. E podemos dizer que o Uno esta presente, quando, como outro deus, ele ilumina a casa daquele que O chama, porque não existiria luz sem a Sua presença. Ainda assim a alma que não O contempla está escura: a não ser quando iluminada por Ele, alcançando assim aquilo que ela desejava. Este é o verdadeiro objetivo da alma, de apreender aquela luz e contemplá-Lo por intermédio daquela própria luz, que nada mais é do que a luz pela qual ela vê. Porque aquilo que desejamos vir a contemplar é a mesma coisa que nos dá a luz, assim como somente

podemos ver ao sol pela luz do próprio sol. Como então fazer com que isto aconteça para nós? Se dispá de tudo.

Não devemos ficar surpresos que aquilo que estimula o mais sublime dos nossos anseios não tem nenhuma forma, sequer forma espiritual, uma vez que a própria alma, quando inflamada por Ele elimina todas as formas que ela possuía anteriormente, mesmo aquelas que pertencem ao mundo espiritual. Porque não é possível vê-Lo ou estar em harmonia com Ele enquanto se está ocupado com outra coisa. A alma deve remover de si tanto o Bem como o Mal e tudo o mais para que ela possa receber o Uno apenas, já que Ele está sozinho.

Quando a alma é assim abençoada e chegou-se a Ele ou melhor, quando Ele manifesta a Sua presença; quando a alma se afasta de todas as coisas visíveis e se torna o mais bela possível e se torna como o Uno; (o modo desta preparação é conhecido por aqueles que a praticam) e vendo o Uno aparecer subitamente dentro de si porque agora nada existe que se interponha entre eles nem eles são mais dois mas um, porque você não consegue fazer distinção entre eles quando a visão perdura; é esta união, da qual aquela união entre dois amantes terrenos que desejam unir seus seres um com o outro, é uma cópia.

A alma não mais está cônica do corpo e não distingue se é um homem, um ser vivo ou algo real porque a contemplação de tais coisas pareceria indigna e a alma não tem momento de lazer para fazer isso; mas depois de ter buscado o Uno, ela se concentra na Sua presença, vai se encontrar com Ele o O contempla ao invés de contemplar a si mesma. O que ela é, quando contempla, ela não tem tempo de ver. Quando nesse estado, a alma não trocaria a sua condição presente por nada deste mundo, nem mesmo pelo Paraíso dos Paraísos porque nada existe de melhor e mais elevado; nada mais abençoado do que isto. Por não existir nada mais elevado, todas as outras coisas lhe são inferiores, por mais exaltadas que sejam. É então que é possível à alma julgar corretamente e reconhecer que ela tem o que desejava e que não existe nada mais elevado. Porque aí não acontece o engano: onde se poderia encontrar algo mais verdadeiro do que a Verdade? O que a alma diz é o que é e ela fala em seguida, em silêncio e está feliz e não é enganada na sua felicidade. A sua felicidade não é uma titilação dos sentidos corporais, é a da alma que se tornou novamente naquilo que era anteriormente, quando ela foi abençoada. Todas as coisas que certa vez a agradavam, o poder, riqueza, beleza, ciência, ela agora declara desprezar: ela não poderia dizer isso se ela não tivesse se encontrado com algo melhor do que tudo aquilo. Ela não teme o mal enquanto está com o Uno ou mesmo enquanto O contempla e, embora tudo pereça à sua volta, ela está contente se puder apenas ficar com Ele; tão feliz está.

A alma está tão exaltada que ela faz pouco até mesmo daquela intuição espiritual que ela tanto valorizava anteriormente. Porque a percepção espiritual envolve movimento e agora ela não deseja se mover. Ela não chama ao objeto de sua visão de espírito embora ela tenha se transformado em espírito antes da visão e elevada para a morada dos espíritos. Quando a alma atinge a intuição do Uno; ela abandona o modo da intuição espiritual. Ainda assim, um viajante, ao ingressar num palácio, admira primeiro as vastas belezas que o adornam, mas quando o mestre aparece ele e somente ele se torna o objeto de atenção. Ao contemplar continuamente o objeto à sua frente, o espectador não mais o vê. A visão se confunde com o objetivo visto e aquilo que existia ante o objeto se torna para o viajante o estado de ver e ele esquece tudo o mais. O espírito tem dois poderes. Por um deles, ele possui uma percepção espiritual daquilo que existe dentro de

si próprio, o outro é a percepção espiritual pela qual percebe o que existe acima dele. O primeiro é a visão do espírito pensante, o último é o espírito no amor. Porque quando o espírito está inebriado com o néctar, ele começa a amar, num contentamento simples e satisfação e é melhor estar assim intoxicado do que estar muito orgulhoso por esta intoxicação.

Se você ficou perplexo porque o Uno não é nenhuma daquelas coisas que você conhece, concentre-se nelas de início, e olhe para além delas; mas olhe de tal maneira que não dirija o seu intelecto para as coisas externas. Porque o Uno não fica num lugar ou noutro, mas está presente em todos os lugares, para aquele que pode tocá-Lo e não para aquele que não pode. Assim como em outros assuntos não se pode pensar em duas coisas ao mesmo tempo, e não devemos adicionar nada de estranho ao objeto do pensamento, se desejamos nos identificar com ele, assim devemos nos garantir que seja impossível para aquele que possua na sua alma qualquer imagem estranha vir a conceber o Uno enquanto aquela imagem distraia a sua atenção. Como dissemos, aquela matéria deve estar isenta de qualidades próprias se é que ela deve receber a forma de todas as coisas, assim, a "*fortiori*", a alma deve ser sem forma se ela deve vir a receber a totalidade e a iluminação do primeiro princípio.

Também ela deve rejeitar tudo aquilo que é externo e se devotar inteiramente para aquilo que lhe é interno; ela não irá se permitir ser distraída por nada que seja externo, irá ignorar primeiro por não prestar atenção e depois por sequer ver os elementos externos. Ela não será capaz de se conhecer, e então virá a visão do Uno e a Ele se unirá; depois, após um tempo suficiente de união, ela irá retornar e então falará, se for possível, aos outros da sua interpelação celestial. Tal foi, provavelmente, o tipo de conversa que se supôs que Minos manteve com Zeus, lembrando que Minos produziu as leis que eram o reflexo daquela conversa, sendo inspirado pela experiência para se tornar um "legislador" (N.T. legislador = aquele que dá as leis) pelo toque divino. Talvez uma alma que tenha visto muito do mundo celestial possa pensar que a política lhe é agora indigna e possa preferir se manter acima disso. Deus, como Platão diz, não está longe de nenhum de nós; Ele está presente em tudo, embora não venhamos a saber disso. Os homens fogem d'Ele ou seja, deles próprios. Eles não podem compreendê-Lo do lugar para onde eles fugiram nem podem eles, quando se perderam, encontrar um outro para substituí-Lo, não mais do que uma criança que está irada e fora dos seus sentidos pode vir a reconhecer o seu pai. Mas aquele que aprendeu a conhecer a si próprio irá também conhecer quem Ele é.

Se uma alma se conheceu ao longo de sua trajetória, ela sabe que o seu movimento natural não foi uma linha reta (exceto quando durante algum desvio da normalidade), mas sim se parece como um círculo ao redor de um centro e que este centro por sua vez está em movimento contínuo ao redor daquilo de onde ele provem, da origem. A alma depende desse centro, como todas as almas deveriam fazer, porém somente as Almas de deuses são capazes de assim ficarem permanentemente. É isto que os torna deuses, porque um Deus está firmemente ligado ao seu centro; aqueles que estão mais afastados deste são os homens ordinários e os animais. Então será este centro da alma o objetivo da nossa busca? Ou então devemos pensar em algo mais, num ponto onde coincidem todos os outros centros? Temos de nos lembrar que os nossos "círculos" e "centros" são metáforas apenas.

A alma não é um círculo como uma figura geométrica; nós a chamamos de círculo porque a natureza arquetípica está nela e à sua volta e porque ela é derivada daquele primeiro princípio e ainda mais porque as almas como um todo estão separadas do corpo. Mas agora, uma vez que uma parte de nós é mantida em baixo pelo nosso corpo (como se um homem tivesse os seus pés submersos na água), nós tocamos o centro de todas as coisas com o nosso próprio centro - aquela parte que não está submersa - assim como o centro dos círculos maiores coincidem com o centro da esfera que a tudo envolve e em seguida repousam. Se esses círculos fossem corpóreos e não psíquicos, a coincidência dos seus centros seria espacial e estaria ao redor de algum centro situado em algum lugar no espaço; mas como as almas pertencem ao mundo espiritual e o Uno está ainda acima do espírito, temos de considerar que os seus contatos são feitos através de outros poderes - aqueles que conectam o indivíduo e o objeto no mundo do espírito e mais, que o espírito perceptivo está presente em virtude da sua identidade e semelhança e se une aos seus semelhantes sem qualquer tipo de dificuldade. Porque os corpos não podem manter este tipo de associação íntima uns com os outros, mas as coisas incorpóreas não são mantidas isoladas pelos corpos; elas não estão separadas uma das outras pela distância mas pela dessemelhança e pela diferença.

Onde não existe dessemelhança, elas estão unidas uma com as outras. O Uno, que nada tem que se assemelhe a Ele está sempre presente e nós somente somos assim quando também não apresentamos nenhuma semelhança. O Uno não deseja nos englobar e sim nós que desejamos engloba-Lo. Nós sempre giramos em torno do Uno mas nem sempre estamos com o nosso olhar fixo nele: somos como um coro de cantores que estão ao redor do maestro mas que nem sempre cantam no tempo porque a sua atenção é desviada para algum objeto externo; quando eles olham para o maestro eles cantam e em realidade estão com ele. Portanto nós sempre nos movemos ao redor do Uno porque se não nos movêssemos assim nós iríamos dissolver e não mais existiríamos; mas nós nem sempre estamos olhando para o Uno. Quando o fazemos, atingimos o objetivo da nossa existência e o nosso repouso e paz e não mais cantamos fora da tonalidade, mas nos unimos em conformidade na própria Verdade de um coro divino ao redor do Uno.

Nessa dança coral a alma vê a fonte da vida e a fonte do Espírito, a fonte do Ser, a causa do Bem e a raiz da alma. Estes não fluem a partir do Uno de tal forma a diminuí-lo porque aqui não estamos lidando com quantidades materiais ou então os produtos do Uno seriam perecíveis, enquanto que eles na realidade são eternos porque a sua fonte não está dividida entre eles, mas permanece constante.

Portanto os produtos são também permanentes, como a luz permanece enquanto o sol perdura. Porque nós não estamos isolados da nossa fonte nem dela separados mesmo quando a natureza do corpo intervêm e nos atrai em sua direção, porque respiramos e mantemos o nosso ser na nossa fonte que não se nos oferece primeiramente para depois se retrair, mas que está sempre nos suprindo enquanto ela for o que for. Mas nós certamente estamos mais vivos quando nos voltamos para ela e é nisso que jaz o nosso bem estar. Estar longe da fonte significa isolamento e diminuição. Nela a nossa alma descansa, fora do alcance do mal; ali acontece a visão espiritual e ela está isenta de toda paixão e sofrimento; ali ela realmente vive. A nossa vida atual sem Deus, é uma mera sombra e imitação da verdadeira vida. Mas a vida do Além é uma atividade do espírito, e é por sua atividade pacífica que ela também gera os deuses, através de seu contato com o Uno; e a beleza, e o correto e a virtude. Porque esses são os produtos que nascem da alma que está preenchida de Deus e este é o início e o final - seu começo porque

disto ela se origina e o seu final porque ali se encontra o Bem e quando a alma ali se encontra ela se torna naquilo que ela sempre foi. A nossa vida neste mundo é mais um desterro, um exílio e uma perda das asas da alma.

O amor natural que a alma sente prova que Deus está ali; é por isso que as pinturas e mitos fazem de Psiquê a noiva de Cupido. Devido ao fato de que a alma é diferente de Deus e ao mesmo tempo Dele se origina, ela O ama por pura necessidade; quando ela está no Além ela está imbuída do amor celestial, quando ela aqui se encontra, do vulgar.

Porque no Além é que se encontra a Afrodite Celestial, mas aqui ela é vulgarizada e corrompida e cada alma é Afrodite. Isto está figuradamente representado na alegoria do nascimento de Afrodite e do Amor, que nasceu junto com ela. Assim é natural que a alma ame a Deus e Dele procure a união com Ele, como a filha de um nobre pai sente um amor nobre. Mas quando descendo para a ser gerada na matéria, a alma, enganada pelas falsas promessas de amor por um amor mortal se separa do seu pai e é submetida da indignidades; mas depois, ela se envergonha dessas desordens e se purifica e retorna a seu pai e volta a ser feliz. Que aquele que não teve ainda essa experiência considere o quanto abençoada uma coisa é no amor terreno ao atingir aquilo que ela mais deseja, embora esses objetos do amor terreno sejam mortais e injuriosos e amores de sombras, que se modificam e passam, já que esses não são as coisas que nós realmente amamos nem são boas, nem aquilo que buscamos.

Mas no Além está o objeto do nosso amor, que é possível de aquilatar e de viver junto e verdadeiramente possui-Lo, uma vez que nenhum envoltório de carne nos separa Dele. Aquele que O viu, sabe do que estou falando, que a alma então possui uma outra vida, quando ela chega a Deus e tendo chegado a possui-Lo e sabe, quando nesse estado, que está na presença do dispensador de toda a vida verdadeira e que ela nada mais necessita. Pelo contrário, ela deve abandonar a tudo o mais e permanecer apenas frente a Deus, o que pode apenas acontecer quando nós podamos tudo o mais que nos rodeia. Portanto devemos nos apressar para partir logo, de nos desligarmos tanto quanto pudermos do nosso corpo ao qual fomos tão infelizes ligados para procurarmos abraçar a Deus com todo o nosso ser e de abandonarmos qualquer parte nossa que não esteja em contato com Ele. Então poderemos vê-Lo e a nós mesmo o quanto nos for permitido; nos veremos glorificados, cheios de luz espiritual ou melhor, nos veremos como uma luz pura, sutil e etérea, nos tornaremos divinos; ou melhor, saberemos que somos divinos. Será então que a chama da vida será atizada aquela chama que, quando mergulhamos de volta para a terra, ela afunda conosco.

Por que então a alma não vive no Além para sempre? Porque ela ainda não abandonou completamente a sua morada terrestre. Mas virá o tempo em que ela poderá apreciar a visão integralmente sem interrupções, sem mais estar prejudicada pelos limites do corpo. A parte da alma que está perturbada não é a parte que vê, mas a outra parte, quando a parte que vê está dispersa, embora não desconectada daquele conhecimento que vem das demonstrações, conjecturas e da dialética. Mas na visão que vê não existe razão, mas sim algo maior que antecede a razão, algo pressuposto pela razão como o é o objeto da visão. Aquele que então se vê, irá se ver como um objeto simples, estará unido a si próprio, se sentirá assim. Não devemos sequer dizer que iremos "ver", mas que "seremos" aquilo que vemos se realmente ainda é possível distinguir o visto daquele que vê e não temerariamente afirmarmos que os dois são um. Nesse estado o que vê não vê ou distingue ou imagina duas coisas; se torna o outro, ele deixa de ser a si mesmo e de

se pertencer a si mesmo. Ele pertence a Aquele e é uno com Ele como dois círculos concêntricos são unos quando coincidem e dois apenas quando separados. É somente neste sentido que a alma é outra coisa de Deus. Portanto essa visão é difícil de se descrever. Porque como pode se descrever, como algo diferente de si mesmo aquilo que quando visto é uno consigo mesmo?

Esta é, sem sombra de dúvida, a razão pela qual somos proibidos de revelar estes mistérios aos não-iniciados. Aquilo que é divino é inefável e não pode ser mostrado para aqueles que não tiveram a felicidade de vê-Lo. Uma vez que na visão não existem duas coisas, mas que o visto e o que vê são uma coisa una (para o que vê não é realmente ver, mas uma mistura) porque se o homem pudesse preservar uma memória do que ele era quando ele se misturou com o divino, ele teria em si mesmo uma imagem Dele, ainda: porque mesmo então ele já estava uno com Ele e não tinha nenhuma relação a si mesmo ou para com os outros (N.T. ou seja, a "mistura" é na realidade constatada e não realizada como um fenômeno que não existia antes). Nada o perturbava internamente nem raiva ou concupiscência nem mesmo razão ou percepção espiritual nem sequer a sua própria personalidade, se assim pudermos dizer. Imerso no êxtase tranqüilo e possuído/possuidor de Deus ele é dotado de uma calma imperturbável; calado na sua própria essência ele não se inclina para nenhum lado; não se volta mesmo para si próprio; ele está num estado de estabilidade perfeita; ele se tornou a própria estabilidade. Então a alma não se ocupa nem mesmo com as coisas belas; ela está exaltada para acima do belo, ultrapassa o coro das virtudes. Assim como um homem ao ingressar no santuário de um templo deixa por trás de si as estátuas no templo, elas são os primeiros objetos, que ele vê quando abandona o santuário, depois dele ter visto o seu interior e de ali ter entrado em comunhão, não com as estátuas ou as imagens, mas com a própria deidade.

Talvez não devêssemos falar de "visão" mas sim de uma outra forma de ver, um êxtase e simplificação, um abandono de si mesmo, um desejo por um contato imediato, uma estabilidade, uma intenção profunda de se unir com aquilo que é visto no santuário. Aquele que busca ver a Deus de qualquer outra maneira não irá encontrar nada. Estas são apenas figuras pelas quais os sábios profetas indicam como poderemos ver esse Deus. Mas os sacerdotes sábios, compreendendo o símbolo podem ingressar no santuário e tornar a visão real. Se ele ainda não chegou tão longe, pelo menos ele concebe que aquilo que está no interior do santuário é algo invisível aos olhos mortais, que é a fonte e o princípio de tudo; ele sabe que é pelo primeiro princípio que nós vemos o primeiro princípio e se une àquilo e percebe o igual pelo igual, deixando nada que seja divino para trás, no tanto que a alma seja capaz de alcançar. E ante a visão, a alma deseja aquilo que lhe resta para ver. Mas para aquele que ascendeu todas as coisas, aquilo que resta para ser visto é aquilo que está ante todas as coisas. Porque a natureza da alma nunca passará para o não-ser absoluto, quando ela cai, ela irá chegar ao mal e assim, ao não-ser, mas nunca chegará ao não ser absoluto. Se ela se move na direção oposta ela não irá alcançar algo, mas a si mesma, não se encontrando em nada mais, só existindo em si mesma; mas aquilo que é a si em si próprio e não se situa no mundo do ser, está no absoluto. Deixa de ser; está acima do ser enquanto em comunhão com o Uno. Se um homem se vê tornar uno com o Uno ele possui em si uma semelhança ao Uno e se ele se ultrapassa, como uma imagem em relação ao seu arquétipo, ele atingiu o final da sua jornada. E quando ele descende da sua visão ele pode de novo despertar a virtude que está dentro dele e se percebendo apropriadamente adornado em cada parte, ele pode de novo escalar através da virtude em direção ao Espírito a através da

Sabedoria do próprio Uno. Esta é a vida dos deuses e dos que se assemelham aos deuses e dos homens abençoados; uma libertação de todas as amarras terrestres, uma vida que não vê prazer nas coisas terrestres, uma fuga do solitário em direção ao Solitário."